



A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Sylvain Levy

Nesse conto de Guimarães Rosa, publicado no livro *Primeiras Estórias*, pode-se observar tanto o distanciamento mítico entre o filho, narrador da estória, e o pai na canoa como a proximidade espiritual entre eles, que pode ser considerada como uma crença do filho.

Existe, também, o distanciamento fantástico entre a expressão ‘terceira margem do rio’ e a realidade das duas margens.

Quando não se consegue conviver com a angústia real do não saber, do não conhecer, inventa-se, na maioria das vezes, um saber fantasiado.

Quantas vezes a terceira margem do rio é criada com outros nomes, na simples dinâmica psíquica do fantasiar para acalmar, para aliviar a dor da angústia.

Porém não existe melhor alvejante que a luz do sol. Até por motivos econômicos a verdade é mais eficiente, pois para mentir necessita-se usar a mente duas vezes: uma para conhecer a verdade e outra para escondê-la. A relação verdade-mentira é mais complexa que a existente entre realidade e fantasia. Rosa, nesse mesmo conto, escreve: “o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade”.

São três as percepções no conto. A do pai, na canoa; a do filho, narrador e a das demais pessoas: família, amigos e conhecidos.

Seguindo a sugestão de Bion, construindo uma grade própria e pensando numa estrutura singela, podem ser idealizados três níveis de uso da mente: entendimento, aceitação e gozação.

A família, os amigos e conhecidos não en-

tendem, não aceitam nem gostam do comportamento do personagem que ancora numa canoa e cria a terceira margem do rio.

O filho procura entender o que o pai faz durante tantos anos e pelo amor ao pai aceita a sua ação, mas nunca consegue gostar. Por esse personagem pode-se pensar que a aceitação independe do entendimento e do gostar de algo, como que confirmando que os três níveis de uso da mente não são interdependentes, mas autônomos e livres na circulação do universo psíquico.

O pai, personagem principal e misterioso, é dissecado na percepção que o filho dele traz. Imagina-se que ele goste de sua viagem ao mesmo lugar, ao mesmo rio, trafegando entre as margens e criando a terceira margem com e pela sua própria presença. Tem-se a impressão de que apenas ele entende sua aventura, mas fica-se com a certeza de que ele aceita o destino que ele mesmo construiu e viveu.



Sylvain Levy é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.